

Pouca renda

Os pescadores Vilmar Acássio, 76 anos, e Dermecília Silva, 61, não são aposentados e atualmente ganham cerca de R\$ 300 por mês



APÓS A LAMA, PESCADORES VIRAM CATADORES DE LIXO

Sem auxílio da Samarco, profissionais lutam para se manter

RAQUEL LOPES
rflopes@redgazeta.com.br

É revirando o lixo todos os dias atrás de materiais recicláveis que o casal de pescadores Dermecília Moreira, 61, e Vilmar Acássio da Silva, 76, achou uma outra profissão para tirar o sustento em Colatina, no Noroeste do Estado, após o rompimento da barragem da Samarco.

Os dois não são aposentados e há 20 anos sempre viveram da pesca do Rio Doce. Na época, chegavam a tirar R\$ 1,5 mil por mês, no entanto, o que restou foram materiais parados, dívidas realizadas há 11 meses por causa da pesca e lembranças.

“Eu comprei os materiais de pesca e fui até o Rio Doce, o pessoal estava tudo correndo pegando os peixes para levar para uma lagoa. Aí eu disse: acabou com a nos-

sa pescaria. Quando a lama chegou, eu chorei muito porque tinha acabado a pescaria, fui embora e até hoje o material está guardado”, lembra Dermecília.

Atualmente, eles caminham o dia inteiro pelas ruas da cidade catando latinha, garrafa pet e alumínio, conseguindo tirar no final do mês cerca de R\$ 400. “O dinheiro que a gente recebe só dá para comer. A dívida está ficando. A gente pescava e fazia cerca de R\$1,5 mil por mês, agora ninguém compra o peixe”, finaliza Vilmar.

SEM AUXÍLIO

Mesmo cadastrados e com carteirinha de pescador, após 11 meses da maior tragédia ambiental, eles ainda não conseguiram receber o auxílio da Samarco. De acordo com a

ALTERNATIVA

“Eu fiz o cadastro, mas não estou recebendo nenhum centavo. Eu tenho que me virar limpando roupas para ter um dinheiro”

TEREZA SCALZER
PESCADORA

empresa, 3.440 benefícios são pagos no Espírito Santo, sendo 618 em Colatina.

Além do casal, muitos pescadores da cidade estão vivendo com dificuldades. Sem o auxílio, a pescadora Tereza Pizoni Scalzer também foi uma das pessoas que precisou mudar de profissão na cidade.

Atualmente, ela limpa roupas de fábricas. Ela consegue tirar R\$ 300 por mês. No entanto, ela conseguia tirar o mesmo valor por semana com a pesca. “Eu fiz o cadastro, mas não estou recebendo nenhum centavo. Eu tenho que me virar limpando roupas para ter um dinheiro, pois o marido está doente e a menina tem problema. O dinheiro da pesca era o que me ajudava.”

OUTRO LADO**Samarco fará novo cadastramento**

➤ A Samarco esclarece, por meio de nota, que um novo programa de levantamento e cadastro integrado de impactados definitivo está em andamento. O programa visa levantar informações socioeconômicas sobre o núcleo familiar e identificar potenciais atividades e bens impactados a fim de viabilizar o adequado encaminhamento aos demais programas e ações de reparação socioeconômicos previstos no Termo de Ajustamento de Conduta (TAC). O

TAC foi assinado em março deste ano pela Samarco, suas acionistas, governo federal e dos Estados do Espírito Santo e Minas Gerais para mitigar os impactos causados pelo rompimento da barragem de Fundão. A Samarco esclarece que a adesão ao cadastramento não implica no reconhecimento de elegibilidade ao programa de indenização mediada, ao programa de auxílio financeiro ou a qualquer outro programa previsto no TAC.

DRAMA DOS TRABALHADORES

Quem vivia do que o rio oferecia é obrigado a ficar longe do Doce

Pesca está liberada, mas população tem medo de consumir peixes do manancial

RAQUEL LOPES
rflopes@redgazeta.com.br

Com a chegada da lama, depois da quebra da barragem da Samarco em Mariana (MG), a vida de quem buscava seu sustento no manancial passa longe do leito do Rio Doce.

O pescador João da

Silva tem carteira de pescador profissional e toda renda vinha da pesca. Enquanto não recebe o auxílio da Samarco, ele faz bico como ajudante de pedreiro. No entanto, quando não tem serviço, ele vai para as margens do rio, mas, agora, somente para passar o tempo.

Mesmo depois que a pesca foi liberada no Doce, ele não voltou a pescar para comercializar peixe. Se-

gundo o senhor João, as pessoas não confiam no peixe que está no Rio Doce e não compram.

“Quando não tem nada para fazer, eu venho para o rio para não ficar à toa. Eu acredito que vai demorar muito tempo para poder pegar peixe para vender. Eu sinto falta da pesca.”

Já o pescador José Pedro Torres foi um dos contemplados pelo subsídio, mas o cartão para começar a receber nun-

Mutirão para analisar 82 processos

Na próxima sexta-feira, o 2º Juizado Especial Cível de Linhares promoverá um mutirão para analisar 82 processos contra a mineradora Samarco. A ação aconte-

cerá no decorrer de três sextas-feiras deste mês. As ações são referentes aos danos morais sofridos pela população. A maioria é de autoria dos moradores de Regência.

ca chegou na sua mão. No início de setembro o cartão dele foi apreendido com estelionatários

que cobravam para liberar o dinheiro.

O cartão ainda não foi entregue a ele. Apenas sua

companheira está recebendo da empresa.

Na época, a Samarco informou que os cartões foram remetidos e a entrega começaria a ser realizada.

“Mesmo com o rio cheio de peixes, as pessoas não compram. Em setembro, eles me pediram R\$ 1,5 mil para liberar o cartão, procurei depois o cartão na delegacia, mas até hoje não está comigo”, diz.

FOTOS: RAQUEL LOPES



João da Silva faz bicos como ajudante de pedreiro; só vai até a beira do rio para pescar por diversão. José Pedro teve o cartão do benefício extraviado